



Seção Dossiê

Religião e espaço público



Diáspora e fé: o pentecostalismo brasileiro além das fronteiras¹

Diaspora and Faith: Brazilian Pentecostalism Beyond Borders

David Mesquiati de Oliveira²

*Docente no PPG de Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória e
coordenador da RELEP Brasil*

Resumo: Este texto consiste em uma reflexão sobre a emigração brasileira, estabelecendo conexões com o pentecostalismo. Atualmente, aproximadamente três milhões de brasileiros residem no exterior, sendo que metade desse contingente está nos Estados Unidos. Mediante uma breve revisão bibliográfica, o artigo busca evidenciar a presença marcante do pentecostalismo brasileiro, tanto no suporte aos imigrantes em seus destinos, quanto na motivação missionária desde o Brasil para oferecer assistência pastoral aos migrantes. As particularidades dos grupos pentecostais, caracterizados por uma forte coesão comunitária, experiências religiosas intensas e um diálogo ativo com a cultura brasileira, como manifestado na música e seus ritmos populares, têm transformado as comunidades pentecostais brasileiras no exterior em pontos de referência fundamentais para os migrantes. Nesse contexto, a diáspora do pentecostalismo brasileiro entrelaça migração e missão de maneira inseparável. Ou seja, além dos fatores econômicos, a motivação religiosa emerge como um elemento determinante para a migração brasileira.

Palavras-chave: Pentecostalismo. Migração. Missão.

Abstract: This text is a reflection on Brazilian emigration, establishing connections with Pentecostalism. Currently, approximately three million Brazilians reside abroad, with half of this contingent in the United States. Through a brief literature review, the article seeks to highlight the significant presence of Brazilian Pentecostalism, both in providing support to immigrants at their destinations and in missionary motivation from Brazil to offer pastoral assistance to migrants. The characteristics of Pentecostal groups, characterized by strong community cohesion, intense religious experiences, and active

¹ Texto apresentado na Mesa-Redonda 5, “A diáspora das religiões brasileiras”, por ocasião do VI Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE), no campus da PUC GOIÁS, de 13 a 15 de setembro de 2017. Uma versão em inglês foi publicada em OLIVEIRA, David M. The Diaspora of Brazilian Pentecostalism. In: ADOGAME, A.; BARRETO, R.; ROSA, W. (org.). *Migration and Public Discourse in World Christianity*. Minneapolis: Fortress Press, 2019, p. 269-284.

² Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro com pós-doutorado na mesma instituição e no Princeton Theological Seminary. Docente no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória. Coordenador da RELEP Brasil (Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais). E-mail: david@fuv.edu.br ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5091-9563>

dialogue with Brazilian culture, as manifested in music and its popular rhythms, have turned Brazilian Pentecostal communities abroad into crucial reference points for migrants. In this context, the diaspora of Brazilian Pentecostalism intertwines migration and mission inseparably. That is, beyond economic factors, religious motivation emerges as a determining element for Brazilian migration.

Keywords: Pentecostalism. Migration. Mission.

Introdução

O pentecostalismo brasileiro, em conjunto com outras práticas religiosas presentes no Brasil, incluindo as de origem indígena, emerge como uma expressão de fé moldada pela mobilidade humana a partir de diversos fluxos migratórios. Gemma Cruz afirma que a migração não é um fenômeno novo em nosso tempo,³ e Harris-Smith amplia essa ideia ao considerar que a migração “é parte da história humana, e influencia a cultura, o processo comunicativo e a religião em específico”⁴. A visão de Donizete Rodrigues destaca a importância do fenômeno migratório transcontinental na formação, expansão, dispersão e globalização das religiões, sublinhando que o triângulo religioso formado por Brasil, Estados Unidos e Europa continua a desempenhar um papel preponderante, mesmo com o crescimento do pentecostalismo em outras regiões, como África e Ásia.

o processo de migração transcontinental é extremamente importante na criação, expansão, dispersão e globalização da religião [...] apesar do crescimento do pentecostalismo em outras áreas, como África e Ásia, o triângulo religioso Brasil-Estados Unidos-Europa continua a desempenhar um papel preponderante.⁵

No exame da diáspora do pentecostalismo brasileiro no exterior, torna-se crucial considerar o fenômeno da “reverse mission”⁶ para os Estados Unidos e a Europa, como um fator incidente nos fluxos migratórios. Do ponto de vista da missão, significa dizer que o Brasil não é somente um campo para as missões estrangeiras, mas também um celeiro de missionários, que são comissionados para diferentes nações, incluindo as antigas matrizes religiosas, criando fluxos de mãos duplas.

Cecília Mariz destaca o Brasil como um dos maiores exportadores de missionários protestantes e católicos no mundo, uma transformação significativa para um país que anteriormente recebia missionários e agora se tornou um importante exportador desse trabalho.

³ CRUZ, G. T. Between Identity and Security: theological implications of migration in the context of globalization. In: *Theological Studies*, 69, n. 2, 2008, p. 357-375. p. 358.

⁴ HARRIS-SMITH, Yvette Joy. Uma nova fronteira: a comunicação intercultural e a necessidade de uma epistemologia migratória. In: BARRETO Jr, R.; CAVALCANTE, R.; ROSA, W. P. (orgs.). *World Christianity as Public Religion*. Bilingual (English/Português). Vitória: Unida; Princeton: PTS, 2016, p. 385-394. p. 387.

⁵ RODRIGUES, Donizete. *O evangélico imigrante: o pentecostalismo brasileiro salvando a América*. São Paulo: Fonte; Belém: PPGCR-UEPA, 2016. p. 193.

⁶ FRESTON, Paul. Reverse Mission. A discourse in search of reality. *PentecoStudies*, 9, n. 2, 2010, p. 153-174.

Embora tenha havido mais pesquisa sobre as missões internacionais da IURD, outras igrejas brasileiras, como as assembleias de Deus (AD) e a igreja pentecostal “Deus é Amor” (IPDA), também enviam pastores para o exterior e experimentam o crescimento fora do país. O Brasil, tradicionalmente uma “terra de missão”, tanto para católicos como para protestantes, torna-se exportador de missionários.⁷

A pergunta central que orienta nossa reflexão neste texto é se a diáspora do pentecostalismo brasileiro no exterior ocorreu principalmente devido à dinâmica missionária inerente ao movimento pentecostal ou se foi impulsionada pelos fluxos migratórios motivados por razões econômicas e étnicas. Para abordar essa questão, realizamos uma breve análise dos fenômenos relacionados à globalização, aos fluxos migratórios e às missões do pentecostalismo brasileiro. Além das obras de apoio, nossa análise se fundamenta em três pesquisas específicas: *Missão religiosa e migração*⁸ de Cecília Mariz, que investiga a diáspora de comunidades católicas renovadas no Brasil e estende sua análise para incluir a diáspora pentecostal protestante; *O evangélico imigrante: o pentecostalismo brasileiro salvando a América*⁹ de Donizete Rodrigues, um estudo minucioso da presença pentecostal brasileira nos Estados Unidos; e *Religiões entre brasileiros no Japão*¹⁰ de Rafael Shoji, uma pesquisa que examina o papel do pentecostalismo no Japão. Enquanto essas obras oferecem uma análise mais aprofundada baseada em pesquisa de campo e coleta de dados, nosso objetivo mais modesto é apresentar, através de uma revisão bibliográfica, uma reflexão sobre as motivações subjacentes à diáspora do pentecostalismo brasileiro. Antes disso, no entanto, forneceremos uma visão geral dos números relacionados à diáspora brasileira.

1 A diáspora brasileira em números

No século XXI os migrantes continuam cruzando fronteiras na expectativa de um futuro promissor, com o diferencial de que agora o mapa das migrações tornou-se mais complexo e mais diversificado que nos séculos anteriores. Além do tema dos refugiados das guerras, há o tema das crises econômicas globais que agudizam a situação das famílias nos diferentes continentes. Murialdo Gasparet em sua recente tese de doutorado pôde afirmar sobre o fenômeno da migração mundial: “estima-se que o número de migrantes poderá crescer dos atuais 232 milhões para 450 milhões em 2050”¹¹. Isso mostra que os fluxos migratórios tendem a continuar a crescer.

Os últimos dados disponíveis pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE) do governo brasileiro foram atualizados em 2016 e estimam que o número total de emigrantes no exterior era de 3.083.255 de brasileiros na diáspora.¹² Desse total, quase a metade (1,4 milhões de pessoas) foi para os Estados Unidos da América. A maior

⁷ MARIZ, Cecília Loreto. *Missão religiosa e migração: “novas comunidades” e igrejas pentecostais no exterior. Análise Social*, v. XLIV, 2009, p. 161-187. p. 163.

⁸ MARIZ, 2009.

⁹ RODRIGUES, 2016.

¹⁰ SHOJI, Rafael. *Religiões entre brasileiros no Japão: conversão ao pentecostalismo e redefinição étnica. Rever – Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, a. 8, p. 46-85, 2008.

¹¹ GASPARET, Murialdo. *Mobilidade e evangelização: o atendimento pastoral de brasileiros católicos no exterior. Tese (Doutorado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro*, 2018. p. 63.

¹² BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *Brasileiros no mundo*. Disponível em: <https://goo.gl/cAJYZG>. Acesso em: 02 fev. 2021.

concentração desses brasileiros estaria na região de Boston (mais de 350 mil pessoas) e cerca de 300 mil brasileiros na região de Nova Iorque e outros 300 mil na região de Miami.¹³ O segundo país-destino de brasileiros é o Paraguai (332 mil pessoas), seguido do Japão, com cerca de 170 mil brasileiros e Reino Unido (120 mil) e Portugal (116 mil).

Mas os dados não são precisos, variando muito de acordo com o agente responsável pela coleta. A discrepância das cifras nas últimas décadas se deve a diversos fatores, como: a dificuldade de lidar com um número expressivo de pessoas indocumentadas no exterior; as famílias que não responderam ao último Censo oficial brasileiro, seja porque já estavam no exterior ou por motivos de mudança de endereço; alguns dados são obtidos com base nas remessas feitas do exterior para o Brasil, mas não permitem saber a situação dos que não o fizeram; outras análises consideram as remessas enviadas para o exterior (investimento), mapeando o perfil dos emigrantes brasileiros, mas essas análises também não revelam a situação dos que já estão na diáspora; entre outros fatores.

Como exemplo da discrepância das cifras, podemos citar que para o Censo brasileiro de 2010 produzido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) havia cerca de 500 mil brasileiros no exterior. Eles reconhecem que os dados estão subestimados e procuram aperfeiçoar a metodologia.¹⁴ Para a Organização Internacional para as Migrações (OIM) esse número varia entre 1 e 3 milhões. Para o Ministério da Relações Exteriores (MRE) do Brasil podiam variar na última década entre 2 e 3,7 milhões.¹⁵ O que deve ser destacado aqui é que a importância do tema não está nas cifras ou porcentagens nem na precisão delas, mas no valor dos seres humanos que se sentem na necessidade de migrar e que se encontram desterrados. Alguns com excelentes condições financeiras para investir e ter uma condição de vida muito melhor que em seu país de origem, mas, infelizmente, essa não é a realidade da maioria dos migrantes brasileiros.

No caso específico dos Estados Unidos, e a partir de dados de 2015 – ano mais recente que disponibiliza esses números –, D’Vera Cohn aponta que 44,7 milhões de pessoas vivem nos Estados Unidos, mas são nascidas no exterior.¹⁶ A população total estrangeira vivendo nos EUA equivalia a 13,4% da população em 2015. Desse total, 33,8 milhões de pessoas são imigrantes legalizados ($\frac{3}{4}$ do total dos imigrantes nos EUA). Dos que estão em situação legal, 19,8 milhões de pessoas receberam a cidadania dos EUA e outros 2,1 milhões de imigrantes têm o visto temporário. Cerca de $\frac{1}{4}$ dos imigrantes nos EUA são indocumentados, totalizando mais de 11 milhões de pessoas.

Gasparet aponta que o quadro atual mostra algumas alterações em relação às ondas migratórias anteriores dos brasileiros para os EUA:

No princípio, os brasileiros que migravam para os EUA vinham de cidades do interior e com pouca escolaridade. Hoje, as pessoas que

¹³ SILVA, Darci Donizetti. Os imigrantes brasileiros na região da Nova Inglaterra. In: BAGGIO, Fabio; PARISE, Paolo; SANCHEZ, Wagner Lopes (coords.). *Mobilidade humana e identidades religiosas*. São Paulo: Paulus, 2016, p. 165-171. p. 167.

¹⁴ BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *Estimativas populacionais das comunidades brasileiras no Mundo - 2015 (números atualizados em 29/11/2016)*. Disponível em: <https://goo.gl/QNRJwk>. Acesso em: 02 fev. 2021.

¹⁵ BRASIL, 2015.

¹⁶ COHN, D’Vera. 5 key facts about U.S. lawful immigrants. In: *Website Pew Research Center*. August 3, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/Ti2yu7>. Acesso em: 15 fev. 2021.

migram do Brasil são de grandes centros urbanos e com o grau de escolaridade maior, muitos com o terceiro grau completo. Pode-se dizer que os últimos 25 anos foram caracterizados pela primeira geração de migrantes, onde a maioria era dos estados de Minas e Goiás. A segunda geração de migrantes é a atual, vinda, de todos os estados do Brasil.¹⁷

O número de brasileiros indocumentados nos Estados Unidos tem cifras que variam de 116 mil até pouco mais de 500 mil pessoas, dependendo da fonte que faz as estimativas. Um dado sombrio e alarmante é o que estima em 23 mil o número de brasileiros detidos em prisões estadunidenses à espera de deportação.¹⁸ É uma triste realidade que assola cerca de um terço dos brasileiros da diáspora nos Estados Unidos, se considerada a estimativa mais elástica de 500 mil brasileiros indocumentados.

2 A diáspora e a globalização

O processo de globalização intensificou-se muito e ganhou novos contornos no século passado.¹⁹ Especialmente a partir de meados do século XX ocorreu uma “profunda inversão nas relações entre política e economia” que estariam ligados a um processo “de intensas mudanças provocadas pelo impacto das novas tecnologias”, isto é, “um acelerado desenvolvimento das forças produtivas”, transformando a produção em uma cadeia mundial.²⁰ Nessa nova configuração, a ciência e a técnica se transformaram no condicionante para a produção de riqueza, tornando o trabalho criativo e intelectual, um novo capital valorizado, descentralizando o processo produtivo, revolucionando a experiência de tempo e de espaço, gerando novos fluxos migratórios, intercâmbio de pesquisa, entre outros. Manfredo Araújo de Oliveira afirma:

Certamente, a globalização significa, em última instância, uma nova forma de acumulação e de regulação do capital, que agora se constitui, em sentido pleno, como *sistema mundial*, com uma capacidade de ação cada vez mais independente em relação aos estados nacionais, o que se visibilizou, em primeiro lugar, pela internacionalização dos fluxos financeiros, possibilitando a interpretação da globalização com uma dinâmica voltada para a valorização do dinheiro, já que o capitalismo transformou-se em um processo autonomizado do dinheiro e das finanças, paralelo à geração de renda pela produção.²¹

Assim, a globalização como um fenômeno marcado, sobretudo, pelo econômico e pelo tecnológico, interfere diretamente nos muitos fluxos migratórios, seja pelos desequilíbrios ou pelas oportunidades que ela gera. A nova ordem internacional, não mais dirigida pelas políticas dos estados nacionais, mas pelos interesses da acumulação de capital transnacional, não é capaz de conter o agravamento das desigualdades

¹⁷ GASPARET, 2018, p. 187.

¹⁸ GASPARET, 2018, p. 80.

¹⁹ OLIVEIRA, Manfredo Araújo. *Desafios éticos da globalização*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2002.

²⁰ OLIVEIRA, 2002, p. 80.

²¹ OLIVEIRA, 2002, p. 89.

sociais e econômicas entre as nações, transformando a globalização em uma economia centrada na valorização do dinheiro.²²

Donizete Rodrigues considera que há também um processo de globalização de grupos religiosos que têm interligado regiões (semi) periféricas como América Latina, África e Ásia às regiões centrais, como Estados Unidos, Europa e Japão. A globalização das diferentes religiões criou um grande mercado religioso, acirrado nas disputas por adeptos.²³ No entanto, nos interessa, sobretudo, a relação da globalização, seja esta religiosa ou econômica, com o fenômeno da imigração:

O fenômeno da globalização e os enormes fluxos migratórios transcontinentais estão provocando significativas mudanças sociais, econômicas, étnicas, religiosas e de identidade, fator que afeta tanto os imigrantes como os nacionais das sociedades de acolhimento (*host-societies*). A religião desempenha um importante papel entre os imigrantes, ajudando-os a manter a sua identidade étnica e religiosa, enquanto, ao mesmo tempo, tentam se adaptar à nova cultura e à sociedade onde agora estão inseridos.²⁴

Mariz também destacou o elemento religioso, que aparece como critério importantíssimo na decisão de migrar:

Apesar de assumir um papel econômico e político para a sociedade mais ampla, o chamamento missionário somente será escutado e obedecido pelos indivíduos se possuir algum significado religioso ou cultural para eles e se responder a necessidades pessoais, tanto materiais como subjetivas. As crenças e os valores religiosos apenas serão capazes de servir fins não religiosos se forem religiosamente legítimos, social e subjetivamente plausíveis.²⁵

A questão religiosa é importante na dinâmica da diáspora, com mais peso na diáspora pentecostal, uma religião pneumática que incentiva experiências pessoais com o divino, abrindo-se para experiências do tipo *chamado divino*, em que a vocação é redirecionada a partir das experiências extáticas. Veremos um pouco mais sobre o pentecostalismo brasileiro e suas características para depois retomar o tema da migração.

3 O pentecostalismo brasileiro e suas variações

A história do pentecostalismo brasileiro remonta-se ao início do século XX e vem impregnada de correntes migratórias anteriores.²⁶ Em 1910 chega ao Brasil o italiano Louis Francescon (Luigi Francesconi). Nascido na Itália em 1866, era católico e migrou para os Estados Unidos em 1890, onde conheceu um grupo de valdenses²⁷.

²² OLIVEIRA, 2002, p. 102.

²³ RODRIGUES, 2016, p. 8.

²⁴ RODRIGUES, 2016, p. 9.

²⁵ MARIZ, 2009, p. 175.

²⁶ MONTEIRO, Yara Nogueira. Congregação Cristã no Brasil: da fundação ao centenário – a trajetória de uma Igreja brasileira. *Revista Estudos de Religião*, v. 24, n. 39, 122-163, 2010.

²⁷ Os valdenses eram migrantes europeus oriundos de um movimento proto-reformatório do século XII e seguintes (Cf. COMBRA, Ernesto. *Historia de los valdenses*. Barcelona: Clie, 1987).

Em 1892 criou-se a Igreja Presbiteriana Italiana em Ohio, da qual Louis foi diácono e posteriormente ancião. Sua desavença com o grupo em relação ao rito do batismo, que ele defendia ser por imersão, fez com que se desligasse dessa igreja anos mais tarde. Depois de uma breve visita à Itália, regressa em 1904 para os Estados Unidos, dessa vez para Chicago. Em 1907 ele conhece William H. Durham, um dos ícones do pentecostalismo estadunidense, e tem sua experiência pentecostal. Em 1909, impregnado da perspectiva pentecostal, chega a Argentina e de lá, em 1910 ao Brasil, onde funda a Congregação Cristã do Brasil (CCB), com forte presença em São Paulo e no Paraná. Seja nos Estados Unidos, na Argentina ou no Brasil, Francescon se dirigia às colônias italianas. Foi em meados do século XX que a CCB se voltou para os demais brasileiros, e com isso, em seu centenário, contava com mais de 2,3 milhões de membros por todo Brasil, segundo dados do Censo oficial brasileiro (IBGE). Em sua diáspora por outras nações, essa igreja mudou seu nome de Congregação Cristã do Brasil para *no* Brasil.²⁸

As Assembleias de Deus (AD) constituem outro importante agente pentecostal. Seu início se dá em 1911, sob influência de outros dois europeus, dessa vez suecos e batistas, Daniel Berg e Gunnar Vingren. A história deles também passa pelos Estados Unidos, e no caso do Berg, houve contato com o mesmo batista pentecostal, William H. Durham, que influenciou Francescon. Depois de um cisma na igreja batista brasileira no norte do país, as AD saíram de 20 pessoas em 1911 para cerca de 12 milhões de adeptos em 2010. É a igreja pentecostal mais popular do país e sua membresia é o dobro da AD estadunidense.²⁹ Tanto a AD como a CCB são fundadas por migrantes, que não foram enviados tipicamente como missionários, uma vez que tal evento deu-se mais por iniciativa própria e que não havia sustento financeiro por parte das igrejas de origem, razão pela qual as igrejas que aqui se estabeleceram se tornaram igrejas tipicamente brasileiras. Ao mesmo tempo, essa iniciativa de deslocamento diz muito sobre o modelo de missão pentecostal que desperta a vocação missionário de cada membro ou líder. A CCB e as ADs sedimentaram um primeiro grupo do pentecostalismo brasileiro.

Em meados do século XX já se fazia sentir a presença de outros grupos pentecostais, com destaque para a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), fruto do movimento de campanhas e cruzadas ao ar livre (em praças e estádios de futebol) e para a Igreja o Brasil para Cristo (IPBC), que juntas hoje somam mais de dois milhões de membros, segundo dados oficiais brasileiros. Nesse novo grupo pentecostal brasileiro cooperaram novamente outros migrantes, como missionários canadenses e estadunidenses. Inclui-se nesse segundo grupo o movimento que gerou a renovação carismática/pentecostalização de muitas igrejas brasileiras, culminando em cismas, como na metodista (que gerou a Igreja Metodista Wesleyana), na batista (Igrejas Batistas Renovadas) e na presbiteriana (Igrejas Presbiterianas Renovadas), por exemplo.

Nos anos 70 e 80, outras igrejas surgem e vão marcando o cenário brasileiro como um terceiro grupo pentecostal, por sua forte presença nas mídias massivas e pelo uso da chamada Teologia da Prosperidade, que enfatiza uma relação com a religião por

²⁸ MENDONÇA, Antônio Gouvêa & VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.

²⁹ ALENCAR, Gedeon Freire. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus, 1911-2011*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.

meio da lógica de consumo e da utilidade, igualmente, sob forte influência norte-americana. A Igreja de Nova Vida (INV), da qual saíram várias igrejas, com destaque para a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), representou um marco para diferenciar uma variação dentro do movimento pentecostal. Esse último grupo é denominado *neopentecostal*, e teria cerca de quatro a cinco milhões de membros. Os números não são muito precisos porque no censo do IBGE a classificação “outras igrejas pentecostais” inclui indistintamente os *neopentecostais* e os demais pentecostais. Entre os dois primeiros grupos há uma maior afinidade e interação, mas com os *neopentecostais* não, de ambos os lados. De qualquer forma, quando se fala da expansão pentecostal no Brasil ou da diáspora do pentecostalismo brasileiro, esses três grupos devem ser considerados, separados ou em conjunto.

De acordo com os dados do IBGE do Censo de 2010, dos 42 milhões de evangélicos no país, 25 milhões seriam pentecostais. No Censo de 2000, esse número era de pouco mais de 17 milhões. O forte crescimento desse grupo deve-se, em grande medida, às suas práticas proselitistas, o que por certo, não é exclusividade deles:

Toda a diversidade que engloba a Assembleia de Deus e os Batistas foi responsável por mais da metade do crescimento evangélico da última década: Igrejas com forte ênfase no proselitismo em cujos cultos regulares sempre é possível ouvir o *apelo* para “aceitar Jesus”. [...] juntas, respondem por 52% do crescimento evangélico.³⁰

Os pentecostais são marcados, então, por um forte movimento missionário, que se dirige tanto internamente ao país, quanto ao restante do mundo. No caso dos que estão desterrados, essa missão religiosa tem um papel muito importante, pois como estão em situação de fragilidade, apegar-se à fé e procurar viver em comunidades de compatriotas tem sido a saída para muitos brasileiros. As igrejas pentecostais têm encontrado nessas comunidades um campo fértil para sua pastoral e missão. Veremos a seguir como a religião pode ser positiva para os que estão em diáspora.

4 A função da religião na diáspora

Stuart Hall e James Clifford realizaram importantes estudos antropológicos sobre a diáspora.³¹ Nesses estudos e em outros teóricos fica evidente que o ambiente da diáspora é muito desfavorável. São muitas mudanças que demandam ações humanas complexas de ruptura e de continuidade, de recriação de conexões e de dar sentido à vida de pessoas em condições de desterro, seja provisória ou definitivamente. A partir de pesquisa de campo nos Estados Unidos Donizete Rodrigues pode concluir que nesse ambiente diaspórico,

a religião torna-se particularmente importante para os imigrantes. Além do apoio espiritual, desempenha um papel relevante no processo de manutenção das identidades étnicas, culturais e linguísticas. A

³⁰ FONSECA, Alexandre Brasil. *Relações e privilégios: estado, secularização e diversidade religiosa no Brasil*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2011. p. 108.

³¹ CLIFFORD, J. Diasporas. *Cultural Anthropology: Journal of the Society for Cultural Anthropology*, Washington, v. 9, n. 3, p. 302-338, 1994; HALL, Stuart. Cultural identity and diaspora. *In: RUTHERFORD, J. (ed.). Identity, community, culture, difference*. London: Lawrence & Wishart, 1990.

religião proporciona valores positivos, maior integração social e um forte sentido de pertencimento ao (seu) grupo étnico. Além do aspecto religioso, desenvolve uma solidariedade pragmática, ou seja, atividades que ajudam na consecução de moradia, emprego, educação formal e saúde. As igrejas são lugares/pontos de reunião onde os imigrantes podem encontrar outros indivíduos de sua terra natal e outros imigrantes na mesma situação econômica, social e jurídica. Os locais de culto promovem eventos não só litúrgicos, mas também sociais e comemorativos, facilitando a interação dos recém-chegados e fornecendo informações e novas perspectivas e possibilidades.³²

Em outra ocasião o mesmo autor afirmou:

Conforme muitos autores já realçaram – e como comprovamos na nossa etnografia na Europa – a religião é mais importante entre a população imigrante do que entre os membros das sociedades anfitriãs. No contexto da diáspora, além do apoio espiritual, a religião contribui para a manutenção da identidade, proporciona valores positivos, maior integração social, forte sentido de pertença e ações de solidariedade entre o grupo. As instituições religiosas são lugares/pontos de encontro nos quais os imigrantes encontram conacionais e outros imigrantes na mesma situação econômica, social e jurídica. Os locais de culto não promovem apenas eventos litúrgicos; sendo também importantes espaços de sociabilidade, facilitam a integração e interação social dos recém-chegados e a difusão de informações, perspectivas e possibilidades nas mais diversas esferas sociais e econômicas.³³

Dessa forma, são muitas as contribuições da religião para os que estão dispersos.³⁴ No caso concreto do pentecostalismo no Japão, Shoji afirma: “os convertidos ao Pentecostalismo frequentemente relatam uma crise no Japão, que resulta em uma fase de pré-conversão que inicia um processo gradativo e de fases bem determinadas”³⁵. E prossegue: “Envolvendo busca de sentido para a experiência imigrante, problemas de saúde ou relacionamento familiar, a conversão se inicia com um primeiro contato com uma comunidade pentecostal, a dúvida inicial e uma experiência mística ou de cura através do batismo no Espírito Santo, a partir do qual o convertido passa a basear na comunidade sua principal referência em termos de laços sociais”. Aqui, tal como em outros lugares, há uma recriação de redes sociais a partir da cultura brasileira, marcada pelo “calor humano” e pela noção de “família”, cumprindo a religião um papel de suporte para um tempo difícil e de muitas adaptações.

³² RODRIGUES, 2016, p. 193.

³³ RODRIGUES, Donizete; SILVA, Marcos. Imigração e pentecostalismo brasileiro na Europa: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. *Revista Angolana de Sociologia*, n. 13, p. 97-113, 2014. p. 108.

³⁴ Sobre hospitalidade e religião, ver: OLIVEIRA, David Mesquiati; ROCHA, Abdruschin S. Acolher o outro de nós mesmos: migração, cuidado e hospitalidade. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 60, p. 851, 2021.

³⁵ SHOJI, 2008, p. 63.

Em termos proporcionais, as igrejas pentecostais têm muito mais sucesso no Japão devido a uma oferta otimizada e relativamente grande para o atendimento de demanda de uma religiosidade étnica, na ausência de instituições sociais brasileiras e redes de assistência. Nesse sentido, elas atraem especialmente os mestiços ou brasileiros sem descendência japonesa, atuando muitas vezes como uma família estendida, oferecendo uma forma de resolução de problemas a partir da conversão. [...] ocupando um espaço comunitário com atividades que buscam preservar uma identidade brasileira no Japão, ao mesmo tempo atuando em problemas que não têm sido suficientemente cobertos por outras organizações, como por exemplo na prevenção de conflitos e intermediação com japoneses, além da recuperação de dependentes químicos e brasileiros presos em reformatórios e presídios japoneses.³⁶

Em perspectiva weberiana, o contexto de “exílio” potencializaria experiências subjetivas que são amplamente acolhidas no pentecostalismo por meio de um “reavivamento de símbolos religiosos” que ajudariam os imigrantes a resignificarem sua nova realidade. Nas palavras de Mariz: “o reavivamento de símbolos religiosos que tradicionalmente têm atribuído sentido a deslocamentos geográficos, motivando os indivíduos a realizá-los, como também com a própria espiritualidade pneumática”³⁷. No próximo e último tópico refletiremos sobre o vetor missionário e sua função na diáspora pentecostal brasileira.

5 A diáspora e as missões pentecostais

Que as igrejas pentecostais brasileiras têm estratégia conversionista está claro. A pergunta agora é quando elas se voltaram para o exterior? Como se viu na introdução, o Brasil foi paulatinamente deixando de ser um campo de missão aos olhos dos demais países para se tornar um celeiro a exportar missionários para o mundo. De acordo com Donizete Rodrigues essa mudança ocorreu de forma mais perceptível a partir da década de 1980:

A partir do final dos anos de 1980, as principais igrejas evangélicas e grupos carismáticos brasileiros começaram um rápido e expressivo movimento de expansão internacional, principalmente para a América do Norte, Europa e Japão, constituindo hoje um importante e global fenômeno religioso.³⁸

Foram identificados dois grandes fluxos que cooperaram para a expansão pentecostal a partir deste período. Um fluxo importante foi o de emigrantes, sendo que “muitos deles já [eram] evangélicos e carismáticos no momento da partida”³⁹, afirma Rodrigues. E sobre o outro fluxo importante, ele afirma ser o dos missionários, católicos e principalmente protestantes, que se dirigiram “para essas regiões economicamente mais desenvolvidas que, extrapolando a ‘fronteira étnica’ brasileira, desenvolvem trabalhos de evangelização com outros migrantes e também com

³⁶ SHOJI, 2008, p. 51-52.

³⁷ MARIZ, 2009, p. 164

³⁸ RODRIGUES, 2016, p. 12.

³⁹ RODRIGUES, 2016, p. 12.

nacionais”. Esse movimento particular do Sul para o Norte, especialmente do Brasil para os Estados Unidos e para Europa, Paul Freston chamou de *reverse mission*, como visto na introdução. Donizete Rodrigues estudou a diáspora do pentecostalismo para os Estados Unidos e chamou de “brasilianização”⁴⁰ o processo de aumento da percepção da cultura e religião brasileira no contexto norte-americano, que tem provocado mudanças importantes no cenário de alguns bairros, alterando a paisagem urbana com suas mais de 232 igrejas evangélicas e seus eventos religiosos, além dos pequenos negócios, considerando só a área metropolitana de New York:

Entendo “brasilianização” como a presença cada vez mais visível e expressiva de imigrantes (e também turistas) brasileiros na AMNY [Área Metropolitana de New York]. A influência significativa da cultura brasileira, na multicultural sociedade norte-americana, abrange música (desde a bossa nova), livros, filmes, novelas, alimentos (açai), bebida (guaraná), água de côco) e vestuário (sandálias havaianas). Grandes eventos como a festa Brazilian Day, que se realiza desde 1984, na primeira semana de setembro, em Manhattan, atrai mais de um milhão de pessoas e aumenta, de forma expressiva, a visibilidade da cultura brasileira. “Brasilianização” implica, ainda, a forte presença de igrejas evangélicas, cujas congregações estão em locais de destaque e são identificadas com os seus nomes e a bandeira do país, contribuindo, assim, para a criação de enclaves étnicos-religiosos brasileiros nos Estados Unidos.⁴¹

A motivação para missionar nos Estados Unidos, observa Rodrigues, vem da tomada de consciência das igrejas pentecostais brasileiras de se considerarem “responsáveis pela importante ‘missão divina’ de (re)cristianizar os Estados Unidos, que se desviaram da ‘verdadeira’ moral cristã e prática protestante”⁴². E prossegue: “No caso da Europa, anteriormente exportadora de instituições e doutrinas religiosas [...] é um território fértil para o trabalho missionário oriundo preponderantemente de África e da América Latina”. Quando Cecília Mariz tentou entender a diáspora pentecostal brasileira, sua hipótese inicial era que essa internacionalização estava atrelada ao fluxo migratório de pessoas do Sul para o Norte em busca de trabalho. Ela deduziu corretamente que a grande emigração de mão-de-obra criava no exterior uma demanda por serviços religiosos e cuidado pastoral para estes desterrados. No entanto, por meio de pesquisa de campo em diferentes locais ela percebeu que as missões pentecostais não seguem a rota da emigração:

Estariam esses missionários a seguir a mesma rota dos migrantes com o objetivo de oferecer serviços religiosos em português ou no estilo brasileiro aos compatriotas no exílio? As chamadas “igrejas de imigração”, e a chegada de líderes religiosos, juntamente com os demais imigrantes, são um fenômeno já bastante descrito e historicamente muito conhecido. No entanto, os missionários

⁴⁰ RODRIGUES, Donizete. The “Brazilianization” of New York City: Brazilian immigrants and evangelical churches in a pluralized urban landscape. In: CIMINO, Richard et al (eds.). *Ecologies on Faith in New York*. Bloomington: Indiana University Press, 2013, p. 120.

⁴¹ RODRIGUES, 2016, p. 16.

⁴² RODRIGUES, 2016, p. 13.

brasileiros da IURD e os das “novas comunidades” não seguem necessariamente essa rota.⁴³

O fluxo missionário também atende aos recém emigrados, mas na base desse fluxo está, justamente, o ideal de missão: levar a fé a outros locais, um sentimento de chamado especial, de vocação. Ela afirma: “a vocação para realizar tais “missões” seria uma, entre os significados religiosamente legítimos, que os indivíduos podem atribuir a deslocamentos dos mais diversos tipos, impulsionados pela sociedade e pela economia globais contemporâneas”⁴⁴. Com isso, reviu sua hipótese, considerando que os deslocamentos e viagens “podem obter sentido sagrado em várias tradições religiosas, e não apenas no cristianismo, tendo assumido muitos significados em diferentes discursos religiosos”. E prossegue: “Essas viagens podem ser experiências místicas, como as relatadas por xamãs, ou podem ser experiências físicas ou concretas de indivíduos e grupos que se deslocam por motivos religiosos através de diferentes regiões geográficas”⁴⁵.

E esse deslocamento não é só físico, por meio da emigração ou de peregrinações, mas devido ao avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), há também um deslocamento virtual, com a mensagem alcançando simultaneamente diversas geografias, por meio dos usos de comunicação de massa, estratégia amplamente utilizada pelos pentecostais, sobretudo pelos neopentecostais. A viagem missionária, física e/ou virtual, “é central no cristianismo. Faz parte da própria lógica religiosa cristã, mas pode ser mais ou menos reavivado e pode também ser interpretado de formas distintas em distintos contextos históricos”⁴⁶.

Analisando o contexto japonês, em que as missões internas são autossustentáveis em relação ao Brasil, Shonji afirma que “a atividade evangélica no Japão tem se mantido pouco dependente da ajuda do Brasil”⁴⁷. Por isso, embora essas igrejas e movimentos sejam recentes no Japão, seu ímpeto missionário já produziu “missões reversas”, isto é, estas recém-criadas igrejas brasileiras-japonesas já se voltam para fazer missão no Brasil: “atualmente esses movimentos que tiveram origem entre os brasileiros no Japão estão já iniciando uma missão reversa no Brasil, o que demonstra o crescimento e o caráter transnacional desses movimentos”⁴⁸.

Retomando o aspecto mais amplo da diáspora, Rodrigues afirmou:

O fenômeno migratório internacional, principalmente nas três últimas décadas, foi (e continua a ser) extremamente importante na criação, expansão, dispersão e globalização dos novos movimentos religiosos. Neste contexto, o Pentecostalismo desempenha um papel preponderante. O modelo de expansão segue normalmente as diásporas emigratórias, partindo das regiões (semi)periféricas –

⁴³ MARIZ, 2009, p. 166.

⁴⁴ MARIZ, 2009, p. 164.

⁴⁵ MARIZ, 2009, p. 172.

⁴⁶ MARIZ, 2009, p. 174.

⁴⁷ SHONJI, 2008, p. 66.

⁴⁸ SHONJI, 2008, p. 69.

América Latina, África e Ásia – para áreas centrais, nomeadamente EUA/Canadá, Europa e Japão.⁴⁹

Para finalizar, na obra *The diaspora of Brazilian religions*, Rocha & Vásquez também reuniram importantes contribuições sobre a diáspora do pentecostalismo brasileiro.⁵⁰ Como se pode perceber, há muitos acadêmicos ocupados com este tema, denotando a importância do mesmo e a necessidade de novas e aprofundadas pesquisas sobre o fenômeno. Com essas breves notas podemos caminhar para o fechamento.

Considerações finais

A diáspora, entendida como uma dispersão populacional pelo mundo, pode surgir de processos voluntários ou forçados. Em situações de grande instabilidade política e social, essa dispersão muitas vezes é coercitiva. Entretanto, o caso da diáspora pentecostal brasileira se diferencia, pois, além de ter como motivação a questão religiosa, a maioria dos emigrantes pertencia à classe média.⁵¹

Inicialmente, a indagação central era se a diáspora pentecostal brasileira era impulsionada pela missão religiosa ou por motivações econômicas e étnicas. Concluímos que ambos esses fatores contribuíram para a diáspora, sem que um necessariamente fosse a causa do outro. Essas duas forças historicamente atuaram ao longo do século XX e continuam a ter repercussões no século XXI, refletindo conjunturas anteriores. As comunidades formadas a partir de movimentos migratórios motivados por questões econômicas, sociais, étnicas ou políticas estão sendo assistidas pelos pentecostais brasileiros que se internacionalizaram.

Contudo, o impulso que levou esses missionários pentecostais à diáspora não foi, necessariamente, uma resposta a uma demanda específica. Primordialmente, foi a própria ideia de missões dos pentecostais que os impulsionou, sentindo-se compelidos a proclamar explicitamente sua fé. Isso transforma suas comunidades em grupos missionários e os indivíduos em potenciais vocacionados, tanto nas comunidades brasileiras quanto nas que se formam no exterior. Esse vetor é tão poderoso que pode ocorrer o fenômeno da “missão reversa”. Dessa maneira, a diáspora pentecostal ocorre principalmente por razões missionárias. Isso não nega a existência de ganhos econômicos ou corporativos, mas destaca que a principal motivação para esses deslocamentos ainda é de natureza religiosa e existencial.

É importante salientar que, ao considerar essa complexa interação de fatores, percebemos que a diáspora pentecostal não pode ser reduzida a uma única causa, mas é o resultado intrincado de motivações multifacetadas que se entrelaçam em um contexto histórico e social dinâmico.

Referências

ALENCAR, Gedeon Freire. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus, 1911-2011*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.

⁴⁹ RODRIGUES, Donizete; SILVA, Marcos. Imigração e pentecostalismo brasileiro na Europa: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. *Revista Angolana de Sociologia*, n. 13, p. 97-113, 2014. p. 99.

⁵⁰ ROCHA, Christina; VÁSQUEZ, Manuel A. (orgs.). *The diaspora of Brazilian religions*. Leiden: Brill, 2013.

⁵¹ RODRIGUES, 2016, p. 14.



BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *Brasileiros no mundo*. Disponível em: <https://goo.gl/cAJYZG>. Acesso em: 02 fev. 2021.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *Estimativas populacionais das comunidades brasileiras no Mundo - 2015 (números atualizados em 29/11/2016)*. Disponível em: <https://goo.gl/QNRJwk>. Acesso em: 02 fev. 2021.

CLIFFORD, J. Diasporas. *Cultural Anthropology: Journal of the Society for Cultural Anthropology*, Washington, v. 9, n. 3, p. 302-338, 1994.

COHN, D´Vera. 5 key facts about U.S. lawful immigrants. In: *Website Pew Research Center*. August 3, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/Ti2yu7>. Acesso em: 15 fev. 2021.

COMBRA, Ernesto. *Historia de los valdenses*. Barcelona: Clie, 1987.

CRUZ, G. T. Between Identity and Security: theological implications of migration in the context of globalization. *Theological Studies*, 69, n. 2, 2008, p. 357-375.

FONSECA, Alexandre Brasil. *Relações e privilégios: estado, secularização e diversidade religiosa no Brasil*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2011.

FRESTON, Paul. Reverse Mission. A discourse in search of reality. *PentecoStudies*, 9, n. 2, 2010, p. 153-174.

GASPARET, Murialdo. *Mobilidade e evangelização: o atendimento pastoral de brasileiros católicos no exterior*. Tese (Doutorado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2018.

HALL, Stuart. Cultural identity and diaspora. In: RUTHERFORD, J. (ed.). *Identity, community, culture, difference*. London: Lawrence & Wishart, 1990.

HARRIS-SMITH, Yvette Joy. Uma nova fronteira: a comunicação intercultural e a necessidade de uma epistemologia migratória. In: BARRETO Jr, R.; CAVALCANTE, R.; ROSA, W. P. (orgs.). *World Christianity as Public Religion*. Bilingual (English/Português). Vitória-ES: Unida; Princeton: Princeton Theological Seminary, 2016, p. 385-394.

MARIZ, Cecília Loreto. Missão religiosa e migração: “novas comunidades” e igrejas pentecostais no exterior. *Análise Social*, v. XLIV, 2009, p. 161-187.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa & VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.

MONTEIRO, Yara Nogueira. Congregação Cristã no Brasil: da fundação ao centenário – a trajetória de uma Igreja brasileira. *Revista Estudos de Religião*, v. 24, n. 39, 122-163, 2010.

OLIVEIRA, David Mesquiati. The Diaspora of Brazilian Pentecostalism. In: ADOGAME, A.; BARRETO, R.; ROSA, W. (orgs.). *Migration and Public Discourse in World Christianity*. Minneapolis: Fortress Press, 2019, p. 269-284.

OLIVEIRA, David Mesquiati; ROCHA, Abdruschin S. Acolher o outro de nós mesmos: migração, cuidado e hospitalidade. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 60, p. 851, 2021.



- OLIVEIRA, Manfredo Araújo. *Desafios éticos da globalização*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2002.
- ROCHA, Christina; VÁSQUEZ, Manuel A. (orgs.). *The diaspora of Brazilian religions*. Leiden: Brill, 2013.
- RODRIGUES, Donizete. *O evangélico imigrante: o pentecostalismo brasileiro salvando a América*. São Paulo: Fonte; Belém: PPGCR-UEPA, 2016.
- RODRIGUES, Donizete. The “Brazilianization” of New York City: Brazilian immigrants and evangelical churches in a pluralized urban landscape. In: CIMINO, Richard et al (eds.). *Ecologies on Faith in New York*. Bloomington: Indiana University Press, 2013, p. 120-142.
- RODRIGUES, Donizete; SILVA, Marcos. Imigração e pentecostalismo brasileiro na Europa: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. *Revista Angolana de Sociologia*, n. 13, p. 97-113, 2014.
- SHOJI, Rafael. Religiões entre brasileiros no Japão: conversão ao pentecostalismo e redefinição étnica. *Rever – Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, a. 8, p. 46-85, 2008.
- SILVA, Darci Donizetti. Os imigrantes brasileiros na região da Nova Inglaterra. In: BAGGIO, Fabio; PARISE, Paolo; SANCHEZ, Wagner Lopes (coords.). *Mobilidade humana e identidades religiosas*. São Paulo: Paulus, 2016, p. 165-171.